



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**BENNO BECKER JÚNIOR**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-527

**Entrevistado:** Benno Becker Júnior

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Porto Alegre

**Entrevistadoras:** Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras

**Data da entrevista:** 16/03/2015

**Transcrição:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Copidesque:** Pâmela Siqueira Joras

**Pesquisa:** História do Handebol no Rio Grande do Sul

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 56 minutos e 18 segundos

**Páginas Digitadas:** 15 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *A história da disciplina de handebol na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação e início no esporte; Escolas que participaram do Dia do Handebol; Presença de público em campeonatos escolares; Quem trouxe o handebol para o Rio Grande do Sul; Início da prática do handebol; Período de maior visibilidade no estado; Cidades que o handebol tem maior projeção; Como vê a participação do Brasil e do Rio Grande do Sul em campeonatos; Papel da Federação Gaúcha de Handebol e da Confederação Brasileira de Handebol; Projeto de visibilidade.

Porto Alegre, 16 de março de 2015. Entrevista com Benno Becker Júnior a cargo das pesquisadoras Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J. K. – Eu gostaria que o senhor iniciasse me contando um pouco da sua formação e como o senhor iniciou no esporte?

B. B. – Como eu entrei no esporte?

J. K. – Isso!

B. B. – Bom, no esporte eu entrei desde pequeno porque eu jogava futebol, então, eu comecei cedo no futebol em um time que era o campeão daqui: não era Grêmio<sup>1</sup> nem o Internacional<sup>2</sup>, chamava-se Renner.<sup>3</sup> Era um time muito forte, era de uma família, daí eu fui lá, no infantil, infanto-juvenil, juvenil para passar para os profissionais. Aí o time implodiu, como hoje, essa corrupção toda, tinha corrupção também lá. Então roubaram muito dinheiro e daí o time acabou e o Internacional me contratou. Metade do Renner foi para o Grêmio e a outra metade foi para o Internacional. Eu fui para o Grêmio porque o treinador de lá me levou. Então, meu ingresso foi no futebol. Eu fui goleiro do Internacional, dos juvenis, dos profissionais, depois Grêmio... Lá mesmo eu fui preparador físico, porque nessa época de jogador eu já estava formado. E aí, preparador físico do Internacional, preparador físico do Grêmio... O Grêmio me convidou para trabalhar, e até eu fui treinador em 1973 do Grêmio. Depois eu me interessei em psicologia, desde lá eu... Claro, eu fui professor do Ensino Estadual, lá no interior do estado e depois vim e, em 1969, eu consegui vir lá da Vila Scharlau<sup>4</sup>. Foi onde começou o Dia do Handebol em 1969. Ontem foi o nosso almoço lá em São Leopoldo<sup>5</sup> com uma grande parte daqueles alunos do handebol. E aí eu tive que interessar a SEC<sup>6</sup>, que não era SEC, era Secretaria de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul, interessar sobre handebol. Eu tive que mandar

---

<sup>1</sup> Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

<sup>2</sup> Sport Club Internacional.

<sup>3</sup> Grêmio Esportivo Renner.

<sup>4</sup> Bairro da cidade de São Leopoldo – cidade do Rio Grande do Sul.

<sup>5</sup> Cidade do Rio Grande do Sul.

<sup>6</sup> Secretaria de Educação.

fazer bolas especiais para o handebol porque não existia, tudo era jogado com a voleibol, e ela tinha que ser mais ou menos parecida com a do futsal, mas tinha que picar, então, nós fizemos... Um sujeito que fez e depois foi ser o vice-presidente da Federação. Foi em 1969, nós fizemos o primeiro Dia do Handebol. A SEC, a Secretaria disse que se nós tivéssemos dez equipes, eles iriam oficializar. E nós tivemos quarenta e duas equipes, *quarenta e duas equipes*. Foi um “chuá”! Cada ano tinha um Dia do Handebol, lá em Vila Scharlau. Uns dois anos depois, três anos depois um professor que também trabalhava comigo lá em Vila Scharlau, o Adão Lacerda<sup>7</sup>, ele fez em São Leopoldo e nós tivemos cento e cinquenta equipes jogando. Começou no sábado de manhã e terminou na madrugada, às quatro horas da manhã de domingo. Imagina, eu levava o ônibus com todas as gurias e gurus, crianças e jovens e eu tinha que fazer um seguro, bater papo com os pais. Eu cheguei as quatro horas e estava todo mundo desesperado na escola. Mas era um negócio assim, a alegria. Então, em 1970 nós fundamos a Federação Gaúcha de Handebol com três clubes esportivos, todos eles judeus... O Grêmio Esportivo Israelita, onde eu era treinador do futsal deles, eu já era profissional, eu era já treinador; treinador do Novo Hamburgo<sup>8</sup>. Eu fui ser treinador do Novo Hamburgo por duas razões: uma que eu gostava de futebol, mas a maior era para ampliar a Escola de Educação Física lá. Aí nós tivemos em 1970 a Federação, o Grêmio Esportivo Israelita, tinha o... Mas, os outros dois eu não lembro, são outros clubes que existem e aí começamos a fazer o campeonato. Não foi fácil, a gente pegou as ESEFs<sup>9</sup> de Santa Maria<sup>10</sup>, a ESEF daqui da UFRGS<sup>11</sup> e mais alguns times. O Grêmio e o Internacional também fizeram equipes, então, saiu o campeonato de handebol. E fomos até... Em 1970 eu levei para Brasília, duas equipes do Rio Grande do Sul para jogar o 1º Campeonato Brasileiro Escolar de Handebol. Foi em 1970, eu não sei se em setembro ou outubro de 1970. Meu filho tinha uns seis ou sete meses, tinha um pessoal famoso, o Bagatini<sup>12</sup> o goleiro do Internacional, e o irmão dele o Celso Bagatini... Um pessoal do basquetebol, muitos eram do basquetebol, e fomos lá e jogamos contra São Paulo que era fortíssimo, São Paulo as duas equipes eram fortíssimas, Minas Gerais também era forte, Brasília também. *Foi um negócio bem legal*, imagina levar umas guriinhas daqui de quatorze

---

<sup>7</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>8</sup> Cidade do Rio Grande do Sul.

<sup>9</sup> Escola de Educação Física.

<sup>10</sup> Cidade do Rio Grande do Sul.

<sup>11</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>12</sup> Cesar Ângelo Bagatini.

anos, quinze anos, para fazer isso, ficar dentro do hotel e os guris de Brasília tentando cantar as guriazinhas pra sair e coisa e tal. E eles perguntavam para o professor: “Professor, o senhor não sai?” Eu disse que não saía. E eles do lado de fora, daí eu disse: “Não, eu vou ficar aqui com vocês!” [risos] Eles queriam sair com as gurias, mas eram umas gurias muito legais e os guris também. E depois de aquilo, o handebol foi... Mas só que eu levei para o futebol, como treinador e tal, Até 1977 eu fiquei na Federação, daí eu passei para o pessoal de Santa Maria, não lembro mais quem é que assumiu depois de presidente. Era um sujeito chamado Pedro Beno Lang<sup>13</sup>, ele faleceu agora há pouco, um cara bom. Eu também fiz o meu primeiro Pós-Graduação nisso; fizemos cursos de arbitragem e o Pedro depois veio aqui fazer o curso aqui. Foi um ícone nisso, eu estava no IPA<sup>14</sup> também; eu fiquei trinta anos no IPA e por aí começou realmente o pessoal divulgar muito o handebol. A nível escolar foi muito forte e a nível... Depois um pouco mais organizado, foi depois em Santa Maria, em 1977 eles ficaram... E depois eu perdi um pouco o contato com o handebol. Tem uma Federação ainda. Onde é a sede, lá em Santa Maria?

P. J. – Lá em Santa Maria.

B. B. – Vocês são de Santa Maria ou não?

J. K. – Não!

P. J. – Eu sou!

B. B. – Tu é! E eu acho que seria isso, em um modo geral.

J. K. – O senhor saberia me dizer quais eram as escolas que participaram desse Dia do Handebol?

B. B. – Quem foi lá arbitrar foi a Escola de Educação Física da UFRGS. Eles sabiam coisas que a gente tinha passado para elei... *Eu fui o coordenador de tudo*, foi considerado

---

<sup>13</sup> Pedro Luiz Beno Lang.

o evento do ano no esporte escolar, foi um negócio. Como um cara de futebol como eu, vai dar handebol na escola? Os guris: “Mas o senhor é jogador do Internacional, não deixa a gente bater um bolinha?” Quando eles colocavam a bola no chão, eu dizia: “Olha aqui, não coloca o pé nessa bola porque se tu colocar o pé na bola vocês estão fora. Eu era muito duro, muito duro, mas eles gostaram. Estavam na adolescência e a adolescência é fogo. Mas até hoje eles me respeitam como quando eles estavam lá. Mas, aí tinha a escola que sediou que era o Olindo Flores da Silva<sup>15</sup>, que deve estar em livros do handebol, certamente. A Escola Estadual 25 de Julho, de Novo Hamburgo, que sempre esteve junto nisso e, claro, tinha escolinhas pequenas, de gente que eu influenciava. Eles eram meus alunos em Escolas de Educação Física: eu estive na UFRGS, na Feevale<sup>16</sup> e no IPA, e claro, todo o pessoal que passava por aí fazia também alguma coisa de handebol e aí foi pegando. Porque assim: eu vi que fotografia de jogo de futebol, as equipes de futebol, o cara lá em cima tinha uns braçinhos fininhos e lá em baixo era umas “baitas” de umas coxas. Não trabalhava muito aqui em cima e tinha cada moscão, que na minha época o termo era moscão. Vocês sabem o que era moscão? O cara, o babaca, então, os moscões começaram a deixar de ser moscões e começaram a ter habilidades, a saber mexer, meter bola e “pá pum”. Eu só trabalhei em escola do estado, só pobre, muito pobre, os meus guris... Depois eu passei para o Décio Martins Costa<sup>17</sup>, esse também foi um que sediou o handebol, e no final as equipes que ficavam batendo eram as minhas equipes, campeão e vice-campeão e tinha que deixar eles jogarem, não podia dizer nada para ninguém, se não ia brigar com eles, e os caras iam ficar de mau comigo. Mas, certamente Décio Martins Costa, a Escola Vila Elizabeth<sup>18</sup> aqui de Porto Alegre, o 25 de Julho lá de Novo Hamburgo, a escola Olindo Flores da Silva, tinha ali de Canoas<sup>19</sup>.. Tinha de tudo, tinha o Scalon<sup>20</sup>, tinha a outra equipe do outro lado do rio, de Guaíba<sup>21</sup>, tinha escola... O Scalon foi um dos melhores alunos meu de handebol, o Framil também, Luiz Fernando Framil Fernandes, ele foi diretor da Feevale também. Eu fui Pró-reitor da Feevale, só não fui Reitor... O Framil foi Pró-reitor da Feevale também lá. Olha só, olhando assim, nos livros,

---

<sup>14</sup> Instituto Porto Alegre.

<sup>15</sup> Escola Estadual de Ensino Médio Olindo Flores da Silva.

<sup>16</sup> Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo.

<sup>17</sup> Escola Municipal de Ensino Fundamental Décio Martins Costa.

<sup>18</sup> Escola Municipal Infantil Vila Elizabeth.

<sup>19</sup> Cidade do Rio Grande do Sul.

<sup>20</sup> Roberto Mário Scalon.

<sup>21</sup> Cidade do Rio Grande do Sul.

nos primeiros livros, o Camargo fez um livro. Francisco Camargo Netto, ele não está mais lá na ESEF, está?

J. K. – Não!

B. B. – Ele se aposentou e depois ele fez o concurso de novo. E eu era o cara que era o presidente da comissão e ele entrou para o futebol e ficou lá dentro. O Camargo foi um dos caras que se interessou também por handebol, mas eu que fiz toda a organização de árbitros, das equipes de handebol.

J. K. – O senhor chegou a trabalhar como técnico de handebol em clubes?

B. B. – Não!

J. K. – Em clubes não, só em escolas?

B. B. – Nessa época eu estava batalhando como todo professor... Eu trabalhava de manhã, de tarde e de noite. E eu fui muito claro nessas coisas, tinha que ver realmente onde te oferece espaços bons para tu trabalhar. E os clubes faziam como favor, a entrada do treinado era de graça... Tem cara que achava que eu era o presidente da Federação, que eu podia ganhar grana, eu só coloquei grana. Eu consegui uma vez passagem para o Rio de Janeiro e eu dei para o meu Vice que era o Egídio Neiss, que deve estar por aí, ele foi presidente depois... Em 1977 eu passei para ele a presidência e o Egídio ficou com um pessoal... Porque ele era muito querido, um cara humilde, não dava para ser treinador de clubes era difícil. O Grêmio e o Internacional um dia que... Um Grenal e eu peguei as camisas do Grêmio e do Internacional e fui nos dois times e pedi as camisas emprestada, e eu falei: “Pessoal, quem quer jogar no Grêmio e no Internacional?” Peguei um treinador e tal e aí parece que... Depois eu fiz um GreNal no Gigantinho<sup>22</sup> e o Grêmio ganhou de goleada do Internacional dentro do Gigantinho... Claro, a torcida gritava “juiz ladrão”, a gurizada sabia nada de regras, uma confusão, os caras queriam se bater um com o outro e

---

<sup>22</sup> Ginásio localizado no Complexo do Estádio Beira-Rio, do Sport Club Internacional.



tal, as torcidas, aquela coisa realmente incendeia... Vocês chegaram a ver a final do Campeonato Mundial Feminino<sup>23</sup>?

J. K. – Sim!

B. B. – Maravilha: equipes boas, organização muito boa. Na minha época nós tínhamos tipos de organização assim: tinha 4X2 e teve gente que inovou para 5X1... Um vai lá na frente para pegar, o cara que era mais rápido, a gente aprendeu com um brasileiro, técnica individual, alguma coisa que a gente fazia assim, eventual. Porque o pessoal era do basquete. O que aconteceu [riso] no basquete, os caras começaram a gostar tanto do handebol que de repente tinha um cara muito bom, e no basquete ele pegava a bola e dava três passos para fazer passe, e eles diziam: “Tá me prejudicando.” Aí eu dizia: “Mas, o que é que tu vai fazer? Aí eles diziam: “Eu vou largar o basquete, eu vou ficar no handebol, o handebol é muito mais simpático, é muito mais rápido”.

J. K. – Na época que tinha os jogos escolares de handebol, como é que era a presença do público?

B. B. – Cheio, os pais iam lá, pai e mãe estavam lá sempre, cheio, cheio. No Dia do Handebol, o primeiro foi um horror: cheio de gente, um calor fenomenal e eram quadras... Tinha só uma quadra de basquete e o resto eram quadras que eu fiz na terra. E era uma terra preta uma coisa assim, não era bem preta, mas escura e as áreas marcadas, tudo direitinho. E eu ia lá e fazia direitinho: “Tem que ser aqui e tal.” E os caras: “Mas é muito grande essa área, tem as áreas de futsal de quatro metros.” Os caras estavam habituados com as quadras marcadas de quatro metros e eu dizia: “Não, não cara, tem que ser seis metros.” Foi assim... Estava lotado aquilo, passaram o dia inteiro, as equipes iam perdendo e de quarenta e duas equipes foi até o final da tarde. E no final da tarde nós terminamos tudo, mas foi uma delícia isso, sempre muito cheio, a nível escolar era um negócio. Em outro nível já, de alta competição, por exemplo, um nível que já não era legal, quando começou o campeonato... Eu peguei uma equipe da Argentina, da seleção da Argentina, eu comecei com a Psicologia do Esporte em 1974 uma coisa assim: eu saía para dar curso em

---

<sup>23</sup> Campeonato Mundial de Handebol feminino.

tudo que era país da América Latina, a gente criava sociedade, eu era muito conhecido, então eu pegava um pessoal do handebol que passava na frente: “Vamos jogar lá em Porto Alegre?” Eu trouxe a seleção da Argentina em Porto Alegre, foi uma vergonha, jogaram contra a nossa equipe; a nossa equipe bastante forte até, nós tomamos, uma coisa de uns trinta a dezessete, coisa assim. Isso porque os caras eram muito bons, estou me lembrando do nome do cara Alfredo Miri. Um cara “bom pra burro”. Ele chegou aqui: “E aí, Benno, e a torcida?” Eu falei para todo mundo, eu acho que tinha umas trinta ou quarenta pessoas no ginásio do Colégio Israelita. Eu morri de vergonha, ainda bem que os caras gostavam de mim, daí eu matei no peito, mas desse nível assim, tu via que eu não era legal. A gurizada levava pai e mãe para ver, enchia.

J. K. – Sim, era mais família. Em relação ao handebol no Rio Grande do Sul, o senhor saberia me dizer quem trouxe o handebol para cá? Como se deu o início do handebol aqui no Rio Grande do Sul?

B. B. – Eu fui a São Paulo e em São Paulo eu vi como que era e o Camargo na ESEF deu algumas aulas de handebol para a gente e coisa e tal. Aí eu vi que tinha que se organizar isso aí, não tinha bolas de handebol nem na ESEF, não tinha nada. Tinha que organizar desde o início. Eu fui em um cara para ele fazer as bolas de handebol e comecei a estimular os professores nessas escolas aqui da redondeza que eram meus alunos em algumas dessas escolas aí do IPA... Nessa época era mais no IPA e na UFRGS e aí o pessoal falou: “Pode fazer treino aqui?” Aí eu comecei, mas o negócio mesmo foi em 1969 no Dia do Handebol. Foi mortal, todo mundo começou a falar isso, foi aí que espalhou e a Secretaria de Educação Física do Estado anualmente começou a fazer. Eles iam lá, abertura e coisa e tal, mas isso quem fazia isso a cada ano era eu. Mas, em 1972 quando eu saí de lá da Vila Scharlau e vim para a Décio Martins Costa, é que começou a ter um núcleo na Décio Martins Costa. Fizemos também campeonatos, aí era barra pesada, quem ia jogar handebol era o pessoal que saía da marginalidade, *cheio de drogas*, precisando [palavra inaudível]. Os caras chegaram a me mandar um recado que não era para eu me fresquear tanto no handebol senão eles iam me apagar lá.

J. K. – Então, antes de 1969 houve indício da prática do handebol?

B. B. – Não, ali foi o início, em 1969.

J. K. – O início foi em 1969.

B. B. – O início de tudo é ali. A gente começou a praticar um pouco na ESEF em 1966 com o Camargo; mas o Camargo nunca teve uma visão sistêmica do negócio, ali com a gente só. Mas de concreto nada e aí eu falei: “Vamos fazer uma coisa...” Fiz o mesmo com o futebol. Saiu *nacapa do Jornal do Brasil* as gurias jogando futebol, então... De handebol ali foi o início de tudo. Nem sei se hoje o pessoal faz ainda o Dia do Handebol.

J. K. – Acho que não tem mais.

B. B. – É fácil tu fazer isso, em uma região fazer o Dia do Handebol. Lá em Uruguaiana<sup>24</sup>, carnaval os caras fazem fora de tempo. Onde é o carnaval fora de tempo? Uruguaiana?

P. J. – Uruguaiana.

B. B. – É um evento social, é um negócio bonito, eles poderiam fazer isso, até a Federação poderia fazer isso, pegar e fazer...

P. J. – Organizar isso.

B. B. – Atribuir a um cara que gosta do handebol: “Tu coordena o negócio aí e tal.” É fácil mas é só uma ideia.

J. K. – Para o senhor quando foi o período de maior visibilidade do handebol aqui no estado?

B. B. – Para mim, realmente que eu assisti, de maior visibilidade, foram nesses Dias do Handebol. Era a maior alegria, as pessoas chegavam lá sem cerimônia e tu olhava aquela

---

<sup>24</sup> Cidade do Rio Grande do Sul.

confraternização, os caras olhando um ao outro... A minha experiência de vida é muito grande, eu tenho grupos grandes, eu faço assessoria internacional de Psicologia [palavra inaudível] na Europa, quatro, cinco países e faço assessoria com “Skype” com os caras, vou lá e viajo, cheguei ir cinco vezes a Europa, agora que dei uma maneirada. Então eu vejo assim, que é muito fácil fazer, tu tem que ser metido, tem que se meter, porque na hora que tu faz o negócio os caras falam: tem um cara que... Esses caras, são os caras que depois até levam os louros, mas os caras que realmente fizeram, são os caras metidos: “Vamos fazer!” E os outros: “Pô, está maluco, está cheio de gente aqui”. A gente fazia até coisa irregular, eu colocava em um ônibus que tinha quarenta e quatro lugares, nós não tínhamos dinheiro, a gurizada era pobre, a gente pegava e colocava oitenta ali dentro, sentava a gurizada um no colo do outro, ficavam até de gozação [risos] mas a gente ia assim. Não tinha o que fazer, a gente ia e voltava assim, eu dizia para o motorista: “Vai de vagarzinho.” E o cara: “Mas os caras vão me prender com toda essa gente.” E eu: “Os caras não têm dinheiro, como é que eu vou deixar gente aqui, os caras vão lá torcer, vão apoiar.” E era isso. A gente tinha equipes mirins, infantis, infanto-juvenis e juvenis, então, às vezes eram quatro equipes da mesma escola. A gente chegava a levar doze de cada equipe e olha quanto dá. E mais o pessoal da torcida, então a gente fazia isso. Mas, nunca deu nenhum tipo de galho. [...] Visibilidade sabe, foi nesses dias do handebol, muito interessante. O alto nível é alto nível é mais complicado, mais complicado.

J. K. – As meninas podiam participar nessa época?

B. B. – Todas elas participavam! As gurias participavam muito, eu tinha um Simca Chambord 13<sup>25</sup>, na época era um show. Eu fui para o interior de Bento Gonçalves<sup>26</sup>, porque eu briguei com uma pessoa da ESEF, porque ela chegava lá na ESEF e nós estávamos tendo aula de voleibol e aí chegava a Olga<sup>27</sup> que era titular e dizia: “Olha, coloca esses guris lá no sol, que lá está muito forte o sol, eu vou jogar aqui dentro” e nos expulsava de lá. Aí no dia de chuva, chovia lá fora e a Olga estava lá fora, e dizia: “Encerra aqui que eu vou vir para cá”. Aí na segunda-feira eu disse: “Quem é essa mulher?” “Essa aí é a Olga, fulana tal.” Aí eu disse: “Da próxima vez que ela vier aqui eu não saio do

---

<sup>25</sup> Modelo de carro.

<sup>26</sup> Cidade do Rio Grande do Sul.

<sup>27</sup> Olga Valéria Koeff Echart.

campo, só chamando a polícia, e quem for homem aqui vai ficar comigo aqui dentro.” Aí veio a Olga: “Olha, tira eles daqui.” E eu falei: “Só chamando a polícia.” E ela: “Como?” Repeti: “Só chamando a polícia porque eu não vou sair, alguém aqui quer sair? Ninguém quer sair.” Ela: “Como é teu nome?” “Benno Becker Júnior.” “Sim, está bem”. Aí depois de alguns meses ainda nós da escola, nós podíamos entrar como professores, a título precário, e o Brizola<sup>28</sup> que era o governador tinha aumentado 200% o salário, e todo mundo queria, então nós fizemos um concurso e eu tirei um ótimo lugar, e quem era que estava distribuindo os cargos? A Olga! E aí ela mandou me chamar, aí eu bati na porta e ela disse: “Entra, quem é?” Aí eu coloquei a cara e disse: “Sou eu.” E ela: “Oi querido, pode entrar.” Sentei lá, ela me ofereceu um cafezinho: [riso] “Uma colher ou duas?” “Duas.” E ela: “Olha, eu vi que tu fizeste um excelente exame lá, foi legal e tal, já escolhi onde tu vai ficar.” “Onde vai ser, aqui em Porto Alegre?” E ela: “Não, lá no interior de Bento Gonçalves.” [risos] Mas, foi legal, não tinha *nada* no lugar, então, eu usava uma coisa que talvez vocês não ouviram falar, se ouviram falar é porque o cara deu bem, Método Natural de Herbert, nunca ouviram falar. Os caras moravam no mato, subia em árvores, eu estava em um mato lá, pedra para fazer musculação, corriam, e lá começou a minha primeira aprendizagem de handebol foi lá, Escola Normal Rural Assunta Fortini de Vila Barão, ali perto de Garibaldi<sup>29</sup>; É onde o “diabo perdeu as botas”, uma gurizada muito legal. As gurias também eram muito fortes e muito legais, e começou a jogar handebol ali, claro que a gente interessou Garibaldi para jogar, nós botávamos goleada em todo mundo, mas jogávamos, começamos a jogar ali. Mas *organização* mesmo, um negócio grande que disseminou isso, foi lá em Vila Scharlau, mas essa eu não posso esquecer também, porque isso foi um negócio menor, isso foi em 1965, foi antes do Camargo me dar aqui na ESEF. Viu como vai indo, tu vai indo e a memória vai pegando.

J. K. – Na sua opinião na atualidade quais as cidades do Rio Grande do Sul o handebol tem maior projeção?

B. B. – No interior?

J. K. – Não, em todo o estado.

---

<sup>28</sup> Leonel de Moura Brizola.

B. B. – Teve aqui em Porto Alegre e Santa Maria. Em Santa Maria, por exemplo, quando pessoal lá, em 1977, a Federação, o pessoal já começou a se organizar bem lá e a trabalhar na Escola de Educação Física. Eu acho que eles trabalhavam bastante bem.

J. K. – Como esporte olímpico, como o senhor vê a participação do Brasil e do Rio Grande do Sul nos campeonatos?

B. B. – Olha, em nível olímpico o Brasil vai bem. Vai ser ótimo, aqui dentro<sup>30</sup> vai ser um evento muito legal, não sei se vamos ganhar. Os europeus fazem um tipo de trabalho lá muito bom, o Brasil teve até que importar treinador para melhorar isso tudo, veio um espanhol, “né”?

P. J. – Sim!

B. B. – Um cara que era meu colega da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte deu o nome dele, desse treinador e me pediu para eu contatar com ele para fazer um trabalho com ele e tal. Aí já estou até aqui de trabalho se eu colocar mais trabalho, mas ele foi citado, esse treinador é espanhol?

P. J. – É espanhol.

B. B. – O espanhol esse aí, o cara me disse: “Esse cara aí é muito bom.” Eu disse: “Que legal!” Mas o Brasil vai ter um bom desempenho, embora o trabalho lá seja mais organizado. Em geral o pessoal vai lá e a gente vê, e o pessoal tenta fazer aqui, mas sempre com uma modificação do brasileiro, um jeitinho brasileiro, mas eu vejo as equipes do Brasil bem fortes, a masculina menos do que a feminina.

J. K. – E o Rio Grande do Sul?

B. B. – Olha o Rio Grande do Sul eu não tenho mais ideia.

---

<sup>29</sup> Cidade do Rio Grande do Sul.

J. K. – Não tem mais contato.

B. B. – O meu negócio agora é Psicologia, eu trabalho aqui com gente que tem problema. Tem bastante desportista que vem aqui, mas nesses caras a gente procura melhorar principalmente assim, a expansão do cérebro, são técnicas de melhorar o sujeito, ampliar o cérebro dele, tem corredor de automóvel, tem... É uma coisa nova que está vindo bastante, são jovens que são um talento para desenvolver o mundo, eu peguei alguns casos e o cara foi campeão mundial... Devo ter aqui, só para vocês terem uma ideia do que a gente faz. Esse cara bem à direita de vocês<sup>31</sup>, ele foi campeão mundial, os caras investem muita grana, eles fazem coisas do tipo... Eles inventam coisas para aplicar na população e melhorar a população a partir da saúde, de tudo assim, isso é uma coisa assim... Se tu pegar da mesma forma e tu colocar isso dentro da cabeça dos desportistas, no sentido de ampliar, principalmente, coisas inconscientes, os caras dentro do jogo fazem uma jogada que ninguém faz. Então isso a gente pode fazer com os jogadores, com as pessoas, mais ainda eu faço aqui dentro, sabes o quê? Porque a grande competição não é a Olimpíada, o cara pensa que é a Olimpíada a competição maior, o Campeonato Mundial de Futebol, não tem nenhum esporte igual que o futebol para reunir gente e grana, por razões óbvias que eu sei, nunca vai sair um Campeonato Mundial de Atletismo. Os caras vão lá olhar 100 metros mas não reúne igual ao futebol, mas nenhuma competição é maior do que a de cada um, da vida de cada um. Não está escrito na testa do cara: gente que puxa o tapete, não tem apoio de ninguém, isso tu consegue expandir, muitas pessoas que vem aqui falam que querem se matar e a gente trabalha com isso aí. E só um espaço, no handebol a gente também pode fazer isso, a gente pode fazer técnicas específicas.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]<sup>32</sup>

B. B. – Mais alguma coisa?

---

<sup>30</sup> Referência aos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro realizados em 2016.

<sup>31</sup> Referência a uma fotografia de um atleta.

<sup>32</sup> Entrevistado pegou um livro.

J. K. – Só mais uma pergunta. Como o senhor vê o papel da Federação Gaúcha de Handebol e da Confederação Brasileira Handebol no cenário do handebol feminino?

B. B. – É difícil para mim, sabe. Eu estou afastado há bastante tempo, então é difícil de opinar. A nível de Federação aqui, várias vezes eu coloquei no meu “Facebook” porque o Queiroga<sup>33</sup> que foi um dos alunos meus, queridos. Eu não peguei no colo, mas eram uns gurizinhos assim. O Júlio de Castilhos<sup>34</sup> também eu fui, fiz um... O Júlio de Castilhos sempre presente, quando eu fui, foi em 1970, eu fui fazer um concurso, em 1971 no Júlio de Castilhos, um concurso próprio, então, muita gente queria, tinha duas vagas, e eu entrei no Júlio de Castilhos. E aí eu disse: “Olha, onde eu vou começa o handebol.” “Mas, e o que é o handebol?” Aí começamos fazer e tal. Aí o pessoal que era das outras seleções começaram a largar os outros esportes e todos queriam jogar handebol; o handebol era campeão, o Júlio tinha equipes fortíssimas... [trecho inaudível]. Aí o cara que era o treinador da seleção de voleibol quis me sacanear, fizeram um ginásio e aí ele disse para o diretor que o handebol arrebatava as paredes e não poderia ser jogado lá dentro. E eu fui falar com o diretor e ele disse que não poderia fazer nada, pois ele era o coordenador daqui”. Aí eu disse que estava fora, aí liguei para o meu amigo que era o presidente do Grêmio, que eu tinha jogado... Tinha sido treinador com ele, liguei para ele e disse: “Me tira daqui, porque eu não quero mais ficar aqui.” Na hora me colocaram em dois cargos lá no Décio Martins Costa<sup>35</sup>. E o Queiroga sistematicamente eu perguntei para ele: “Onde é que anda a SEC<sup>36</sup> e a Federação? Ele nem sabia que a Federação estava funcionando, tanto é, que ele nem me deu resposta. Agora nós fomos na Câmara de Vereadores, falamos da gurizada e tudo, e tanto é que eu perguntei: “Tá e aí, tem ou não tem?” E ele não sabia, então, acho que a Federação não está fazendo grandes coisas. Mas, em nível de Confederação aí já é outra história, eu não sei. Está fazendo a Confederação alguma coisa? Para chegar a equipe brasileira campeã mundial, a feminina, por exemplo, alguma coisa devem está fazendo. E no masculino estão fazendo?

P. J. – A Confederação agora tem uma política de investir no masculino...

---

<sup>33</sup> João Guilherme de Souza Queiroga.

<sup>34</sup> Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

<sup>35</sup> Escola Municipal de Ensino Fundamental Décio Martins Costa.

<sup>36</sup> Secretaria de Educação e Cultura.



B. B. – No masculino?

P. J. – É, mas aí investe no masculino e desinveste no feminino, porque aí a justificativa é que as gurias não precisam mais, já foram campeãs mundiais.

B. B. – “Tá louco!”

P. J. – E aí a Confederação tem que optar investe em um ou investe em outro, nos dois ao mesmo tempo não consegue.

B. B. – Isso é o que a gente pode fazer.

J. K. – Quando a Federação Gaúcha de Handebol foi fundada, ela teve algum projeto inicial de visibilidade para o handebol?

B. B. – Não, isso naquele tempo não tinha esse tipo de coisa, em 1970 não. A gente fazia visibilidade assim como eu fazia a visibilidade do Dia do Handebol. A gente procurava mandar convite por carta, por carta para o pessoal, era assim, naquele tempo não tinha “e-mail”. Quando eu vim de Barcelona é que começou “e-mail”, e celular. Aquele tempo eles começaram a dar celular para o pessoal, porque aí tendo celular, te tira o dinheiro no final do mês, cada vez os caras te tiram dinheiro, hoje não estão fazendo isso, hoje estão vendendo cada vez mais caro, mas naquele tempo a visibilidade era de boca, de rádio, de falar no rádio, “TV “era só futebol, não tinha plano, o plano tinha que ser um mutirão, a gente se reunia e cada um ia fazer na sua zona a divulgação, não tinha essas coisas de “marketing”.

J. K. – Teria mais alguma coisa que o senhor gostaria de compartilhar?

B. B. – Não, era isso, isso é um negócio legal, a gente faz um retrospecto e a gente se lembra de coisas, certamente tem mais coisas.

J. K. – Claro, quando eu enviar para o senhor, se o senhor quiser complementar com mais alguma coisa que se lembrar.

B. B. – É interessante fixar bem assim, que a primeira equipe a jogar escolar, foi em 1965, foi lá em cima, a Escola Normal Rural Assunta Fortini, Vila Barão, mas agora tem um outro nome na zona. Mas aí é que começou, a ser jogado ali, mas o grande negócio mesmo foi em 1969, aquilo foi um... Até 150 equipes, dois anos depois ali em Canoas, apesar que não estou lembrado do nome, mas é uma escola estadual de renome, é realmente foi... Visibilidade mesmo foi aquela época, ninguém esquece.

J. K. – Ficou marcado!

B. B. – É foi muito legal!

J. K. – Então, a gente agradece em nome do Centro de Memória do Esporte.

[FINAL DA ENTREVISTA]